

Vestígios filosóficos na crônica *Ir para*, de Clarice Lispector: uma perspectiva existencialista sartreana

Vestiges philosophiques dans la chronique Ir para, par Clarice Lispector: une perspective existentialiste sartrienne

Izael Bitencourt de Oliveira

Graduando em Filosofia pela Faculdade Católica de Feira de Santana (FCFS)

izaelcaimbe@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7167302849073768>

Jacson Baldoino Silva

Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

jacsonsilva@outlook.com

<http://lattes.cnpq.br/6824197697946774>

Resumo

Clarice Lispector é representante de uma escrita enigmática, subjetiva e introspectiva, pois considera o homem a partir de si mesmo e que esse, por isso, torna-se um ser *para alguma coisa*. Essa questão é perceptível em seus escritos que apresentam discussões que são inerentes ao homem como angústia – *A paixão segundo G.H* (2009), amor e desprezo – *A hora da estrela* (1998c), solidão – *A cidade sitiada* (1998d). Este presente artigo, a partir de uma crítica literária filosófica (RAVOUX-RALLO, 2005), desenvolve o conceito de liberdade na perspectiva filosófica existencialista sartreana (SARTRE, 2013) através da análise da crônica *Ir para*, de Clarice Lispector (2018). Essa reflexão parte da tentativa de compreender a “escolha” como uma das partes fundamentais das questões essenciais da vida humana: livre, o homem vai ao encontro de si mesmo.

Palavras-chave: Existencialismo. Sartre. Liberdade. Literatura. Clarice Lispector.



Résumé

Clarice Lispector est représentante d'une écriture énigmatique, subjective et introspective, car elle considère l'homme de l'intérieur de lui-même et que, par conséquent, il devient un être pour quelque chose. Cet enjeu est perceptible dans ses écrits qui présentent des discussions inhérentes à l'homme comme l'angoisse – Passion selon G.H (2009), l' amour et mépris – A hora da estrela (1998c), solitude – La ville assiégée (1998d). Ce présent article, à partir d'une critique littéraire philosophique (RAVOUX-RALLO, 2005), développe le concept de liberté dans la perspective philosophique existentialiste sartrienne (SARTRE, 2013) à travers de l'analyse de la chronique *Ir para*, de Clarice Lispector (2018). Cette réflexion part de la tentative de comprendre le « choix » comme l'une des parties fondamentales des questions essentielles de la vie humaine : libre, l'homme va à sa rencontre.

Mots-clés: Existentialisme. Sartre. Liberté. Littérature. Clarice Lispector.

Introdução

Tenho medo da minha liberdade.
(LISPECTOR, 1999, p. 55)

Filosofia e literatura são áreas que podem caminhar juntas tendo como objetivo principal as reflexões acerca do homem. A linguagem, que tem como intuito comunicar, parece, por meio da literatura, alcançar maior êxito nas reflexões filosóficas. Isso porque a arte tem uma espécie de missão que se constitui na apropriação do (ir)real, do (in)acessível. É nesse sentido que, na relação dialética – entendida aqui como diálogo, “simplesmente” – entre filosofia e literatura, “o conhecimento está, portanto, cindido em dois, entre o pólo da fruição extática e o do conhecimento racional: a filosofia não encontra as palavras, e a poesia negligencia, ou até despreza, a autoconsciência” (RAVOUX-RALLO, 2005, p. 227).

E é partindo dessa concepção que o presente trabalho discute um tema imprescindível na existência humana: a liberdade. Para nos ajudar nessa tarefa, apoiamo-nos no existencialismo de Jean-Paul Sartre presente na obra *O existencialismo é um humanismo* (1970), bem como na escrita introspectiva de Clarice Lispector presente, particularmente, na crônica *Ir para* (2018), por entender que “sua literatura manifesta-se, pois, como um exercício de liberdade” (GOTLIB, 1988, p. 162).

A crônica *Ir para* (LISPECTOR, 2018) é um texto curto, por isso a transcrevemos na íntegra:

Esta noite um gato chorou tanto que tive uma das mais profundas paixões pelo que é vivo. Parecia dor, e, em nossos termos humanos e animais, era. Mas seria dor, ou era “ir”, “ir para”? Pois o que é vivo vai para (LISPECTOR, 2018, p. 22).

O tema da liberdade e da dor/sofrimento/angústia aparece ao longo de toda a obra de Clarice Lispector, como no romance *Um sopro de vida* (1999):



Não aguento muito tempo um sentimento porque passo a ter angústia e meu pensamento fica ocupado com o sentimento e eu me desvencilho dele de qualquer jeito para ganhar de novo a minha liberdade de espírito. Sou livre para sentir. Quero ser livre para raciocinar. Aspiro a fusão de corpo e alma (LISPECTOR, 1999, p. 54).

Ângela é doida. Mas tem uma lógica matemática na sua aparente doidice. E se diverte muito, a escandalosa. Aguça-se demais e depois não sabe o que fazer de si. Que se dane. Entre o “sim” e o “não” só há um caminho: escolher. Ângela escolheu “sim”. Ela é tão livre que um dia será prese. “Presa por quê?” “Por excesso de liberdade”. Mas essa liberdade é inocente?” “É”. “Até mesmo ingênua”. “Então por que a prisão”? “Porque a liberdade ofende” (LISPECTOR, 1999, p. 68).

Assim, como percebemos a partir dos fragmentos do romance, a conceituação de *liberdade*, neste trabalho, é fundamental para a compreensão daquilo que o homem *escolhe* para si – que também tem consequência na existência do outro. Fundamental tanto para a compreensão da escrita lispectoriana, como da filosofia sartreana, uma vez que ambas são consideradas existencialista. Portanto, o “ir para” aqui é compreendido, filosófica e literaturamente, como a experiência do homem de buscar a si mesmo, uma vez que ele é o único construtor do seu próprio existir: “Luto por conquistar mais profundamente a minha liberdade [...]: sou eu sozinha e minha liberdade” (LISPECTOR, 19, p. 23).

Nesse sentido, a existência humana é compreendida como uma busca de si mesmo, que só é possível se a liberdade for compreendida como indispensável na identificação daquilo que é o homem – um ser que vai-para. Portanto, é consciente de sua liberdade que o homem escolhe e assume seus atos. A crônica lispectoriana constrói um cenário para pensarmos como o homem entende sua liberdade, tomando uma curta narração de alguém – na qual não se é revelado nome, sexo ou qualquer coisa do tipo –, que faz a experiência reflexiva de pensar sua existência pela existência de outrem – o gato.

Com o objetivo de refletir sobre essa curta cena, o presente artigo se estrutura da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos a filosofia existencialista de Sartre a partir do *construir-se*; depois, com base nela, propomos uma análise da crônica *Ir para*, de Clarice Lispector (2018); seguida das considerações finais.

2 O construir-se: a liberdade sartreana

Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade (SARTRE, 1970, p. 6).



O existencialismo defendido por Sartre (1970) instaura uma ferida estarrecedora na existência humana, uma vez que postula que “[...] o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 1970, p. 7); ainda que o sujeito não saiba bem o que é ser livre, pois o que deseja “ainda não tem nome” (LISPECTOR, 1998b, p. 70). Por isso que, ainda em consonância com o pensador, o homem é aquele que faz e se faz; sua responsabilidade está em ser aquilo que faz de si mesmo. Por isso, a *liberdade*, enquanto movimento de “ir”, é imprescindível para compreender como o homem constitui-se enquanto protagonista de seu destino.

Qualquer ideia que desfoque a concepção do homem como aquele que constrói sua própria essência estará fora de questão na filosofia de Sartre (1970), pois o filósofo propõe que o homem é “um ser no qual a existência precede a essência”¹ (SARTRE, 1970, p. 4), ou seja, existir e encontrar-se é a parte inicial e fundamental da *realidade humana*. Depois disso, o homem se define. Isso equivale a dizer que o homem não está predestinado, tão pouco possui sua existência definida – como crê a religião cristã, por exemplo. Essa afirmação também se relaciona com a forma como o homem lida com a busca por sua essência, compreendida aqui como aquilo que lhe é próprio e de ninguém mais. Porquanto, argumenta o pensador, o homem mobiliza-se em busca de si mesmo, é aquele que *Estar-a-Ir*, e é esse movimento que o filósofo chama de “impulso para a existência” (SARTRE, 1970, p. 4).

É evidente que a existência humana está interposta pelo que se tem e pelo que se deseja, e é esse aspecto que constitui o pulsar rumo à existência – trata-se de alcançar o que ainda não se tem. O homem, sendo livre, busca sua essência naquilo que se tem – a existência –, a partir disso, sua subsistência está contida, primeiro, na busca e, segundo, naquilo que ele faz quando a encontra, pois, afirma Sartre, o homem “será aquilo que ele fizer de si mesmo” (SARTRE, 1970, p. 4). Esse é um dos pontos fulcrais da experiência existencialista apresentada por Sartre, pois norteia o homem como aquele que está “se fazendo”, ou “se construindo”, sendo esse um fator determinante da *essência* humana; certo de que o homem é definido pelo que, na sua liberdade, aceita para própria existência – definição essa que é de total comprometimento do próprio homem.

¹ Diferente da escolástica, filosofia iniciada no século XIII, a definição de *essência* e *existência*, no existencialismo proposto por Sartre (1970), apresenta o homem como “um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito” (SARTRE, 1970, p. 4). Por outro lado, o escolástico Tomás de Aquino compreende que a essência “é potência em relação a existência; a existência é o ato da essência” (ABBAGNANO, 2012, p. 422). Sartre, por sua vez, compreende a *existência* como o primeiro momento daquilo que o homem ainda não é, ou seja, inicialmente, o homem é “nada” significando que é ele mesmo que está *para ir* em busca daquilo que ele quer para si mesmo, ou ainda, que “o homem será apenas o que ele projetou ser” (SARTRE, 1970, p. 4). Portanto, a *essência* não é fator determinante na existência do homem, ao contrário, é aquilo que o próprio homem busca para si mesmo. Sendo assim, enquanto Sartre compreende o homem como aquele que está em busca de si mesmo, a escolástica compreende o homem como um *ente* que fora projetado, nesse caso por Deus, para seguir seus desígnios.



Nesse sentido, vale assentar que a existência do homem não se faz mediante um acaso ou manobra de agentes divinos; há existência porque se tem *consciência* que existe, e isso é o homem: aquele que existe mediante a busca de si mesmo. Com isso, em termos lispectorianos, o homem irá entender a eternidade não como “a quantidade infinitamente grande que se desgastava, mas a eternidade era a sucessão” (LISPECTOR, 1998b, p. 44), isto é, aquilo que ia acontecendo; e o instante será “em si mesmo iminente. [Pois] Ao mesmo empo que eu o vivo, lanço-me na sua passagem para outro instante” (LISPECTOR, 1998a, p. 76). Por isso que, para Sartre (1970, p. 4), o homem é aquilo que se projeta num futuro” (SARTRE, 1970, p. 4), e afirmar isso significa ampliar a liberdade do homem colocando como causador do seu projeto de *ser*, de *ir para*. O homem, como incumbido de sua própria existência, é uma máxima que marca profundamente a discussão existencialista iniciada por Sartre: “Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência” (SARTRE, 1970, p. 5).

A noção de *responsabilidade* também aparece como uma indicação de que o construir-se do homem perpassa sua existência, pois ele é marcado da mesma forma por outra existência, quando concebe que existir é uma tarefa que também é direcionada ao outro. Em outras palavras, o homem “é responsável por todos os homens”²(SARTRE, 1970, p. 5). Assim, a ideia de Sartre não é defender uma filosofia que emerge numa existência fadada ao que podemos conceber como “egocêntrica”, mas ressaltar uma reflexão que está associada aquilo que o homem é, enquanto agente de sua existência, com aquilo que está associada ao seu existir – nesse caso, às outras existências.

Uma vez que o homem é aquilo que procura elaborar de si mesmo, sua alternativa em fazer-se para o outro é, nessa perspectiva, um ato ao qual Sartre conceitua como “subjetividade”, que está relacionada a duas dimensões (ou significados): primeiramente como “escolha do sujeito individual por si próprio” (SARTRE, 1970, p. 5); e, por outro lado, os limites que a própria subjetividade manifesta acerca da existência humana (SARTRE, 1970). É perceptível que ambos os conceitos trazidos por Sartre não se afastam daquilo que é do próprio homem acerca do “existir”, já defendido

2 Sartre defende que “o homem é responsável pelo que é” (SARTRE, 1970, p. 5), isso quer dizer que sua responsabilidade está inserida em um espaço, e por isso, está relacionado à sua maneira de existir, pois, afirma Sartre, o homem também é “agente” na existência de outrem. É importante perceber que essa “moção responsável” pode ser considerada como característica particular daquele que está para a liberdade, é, nesse sentido, a manifestação daquilo que é atributo daquele que é livre, escolher ciente de estar escolhendo, ou em concordância com Sartre: concordar que “o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.” (SARTRE, 1970, p. 5). Por outro lado, pode-se pensar em uma ação contrária daquela que deveria ser natural na existência humana – ser com o outro – que é negar sua responsabilidade diante de sua existência e, por conseguinte, a do outro, a isso podemos concluir que seria uma escolha, e como já afirmado, como um ser *para a* liberdade, o homem pode optar por não ser livre, embora essa possibilidade não esteja como escolha, pois, nesse caso, a opção não é senão resultado de outra opção – não ser livre –, porém, salienta Sartre, escolher é escolher alguma coisa, e portanto, essa opção não é coerente com a existência humana – não escolher ser responsável com a existência alheia.



pelo pensador: o homem constrói sua existência a partir de sua liberdade. Sobre esse critério subjetivo, o existencialista menciona que, a partir do momento que o homem escolhe o outro, “[...] ele escolhe a si mesmo” (SARTRE, 1970, p. 5); a saber, que seu existir é responsabilidade sua e por isso o outro também é.

Ao conceito de *subjetividade*, o pensador inclui a ideia de *intersubjetividade* que é a forma como o homem, se construindo, observa o outro e, por isso, elabora uma perspectiva de si e do outro como componente daquilo que ele é: “O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo” (SARTRE, 1970, p. 13). Dado isso, o “Outro”, como definiu o existencialista, é uma existência tão importante quanto a sua existência, certo de que, é por essa expectativa “que o homem decide o que é e o que são os outros” (SARTRE, 1970, p. 13).

Além disso, a liberdade pode ser compreendida como movimento da existência em busca da sua essência ou significação, como também podemos pensá-la a partir do senso comum: ação que parte da voluntariedade do próprio homem para determinada realidade. A escolha é análoga a essas duas concepções, visto que, partindo do pressuposto existencialista, a liberdade é uma ação e não um ideal. Nessa perspectiva, segundo Sartre, o homem “não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador” (SARTRE, 1970, p. 5). Dessa forma, a sua existência é seu próprio tribunal, ou seja, suas escolhas estão inseridas na relação de ação e consequência: na medida em que age também é sujeito dessa ação, constituindo-se um ser que *está-indo-para*. Em última análise, a existência humana é marcada pela constante necessidade de escolher³.

Desse modo, o que caracteriza a liberdade do homem é a consciência de ser livre. Assim, a escolha – que só é possível se a liberdade for concebida como um ponto imprescindível para a existência – manifesta opções, dentre as quais está escolher não “escolher simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira” (SARTRE, 1970, p. 5); essa questão Sartre desenvolve como uma atividade de *má-fé*⁴.

³ Há outro texto na literatura brasileira que possibilita uma extensa reflexão sobre essa necessidade de escolher: o poema *Ou isto, ou aquilo*, de Cecília Meireles (2021). Neles a poetiza coloca em jogo o drama da escolha diária: “Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo ... e vivo escolhendo o dia inteiro!” (MEIRELES, 2021, s.p.). Mas essa reflexão fica para um outro momento, um outro texto.

⁴ Para Sartre, a liberdade é ponto imprescindível da existência humana, sendo a *má-fé*, nesse sentido, a negação do homem em relação a si mesmo ou ainda o “mentir a si mesmo” (SARTRE, 1997, p. 94). Pode-se observar, pois, que a má-fé é o ato do homem sobre si mesmo e isso pode acontecer porque “o ser humano não é somente o ser pelo qual se revelam negatividades no mundo. É também o que pode tomar atitudes negativas com relação a si” (SARTRE, 1997, p. 92). A conduta do homem que não aceita sua *liberdade* – e, consequentemente, a *responsabilidade* que oriunda dela – está relacionada a uma tentativa de “mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável” (SARTRE, 1997, p. 94). É importante observar que a *má-fé* se apresenta ao homem como uma proposta interna, ou seja, “a má-fé não vem de fora da realidade humana” (SARTRE, 1997, 94), e por isso faz parte da condição da existência humana. O homem existe a partir do processo interno-externo; ele se constrói a partir de si mesmo.



Até aqui entendemos que liberdade é o fator que mobiliza a existência do homem e ainda que suas escolhas estão ligadas a toda humanidade. Sendo assim, o homem é responsável por seu existir, como também pela existência de todo o mundo, sendo o *escolher* a si mesmo uma execução subjetiva, que vai do homem para o homem, sabendo que, “se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo” (SARTRE, 1970, p. 14).

No entanto, é indispensável tratarmos esses tópicos – liberdade, responsabilidade e escolha – com um pouco mais de atenção, tratando o homem como um ser que está em busca da construção de sua essência, mas que não está ausente de sentir, aliás, em último crivo, sentir é intrínseco a existir. Primeiramente, como já exposto, Sartre (1970) delimita seu campo existencial desprovendo-o de qualquer força que projete o futuro do homem, exceto o próprio homem. Isso vai de encontro a diversas concepções religiosas como o cristianismo, que alcançou boa parte dos continentes e deu início a inúmeras denominações religiosas. O cristianismo, de forma geral, acredita em uma divindade – normalmente invocada como “Deus”, ou outros nomes do tipo – que é a responsável pela criação de tudo e de todos, que equilibra as limitações humanas e que é o *sumo bem*, sendo criador e incriado, e conduz todas as coisas, inclusive as escolhas do homem.

O objetivo do existencialista, certamente, não está em desprestigiar a religiosidade, mas em tornar evidente que “o homem é livre, o homem é liberdade” (SARTRE, 1970, p. 7), e, sendo essa sua única forma de encarar o mundo e a sua existência não está na eventualidade de uma força advinda de uma divindade, mas no assumir sua responsabilidade em ser livre. A filosofia existencialista sartreana rompe com as concepções essencialistas e/ou predeterminadas de algumas religiões por compreender que “não existe outro legislador [para o homem] a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo” (SARTRE, 1970, p. 18). Por esse motivo, cabe ao homem decidir e programar sua existência partindo do pressuposto que ele mesmo é o protagonista dela.

A filosofia não é uma fábrica que cria utopias em forma de pensamentos – ou conceitos, mas que está interessada em ativar o espírito crítico no homem para que sua existência não esteja associada a algo fraudado pela irracionalidade e desprovida do desejo pelo saber. Isso também vale para a filosofia existencialista sartreana, pois essa responsabiliza o homem, e não uma divindade, por sua própria existência e por aquilo que faz dela. Por essa razão, o filósofo afirma que fadado a ser livre (SARTRE, 1970); no sentido de que sua existência não é predestinada ou pré-projetada. O homem não tem outra escolha a não ser a de ser livre, e é nisso que consiste a existência humana.



Implementemos a essa discussão alguns fatores que contribuem no processo de existência e de liberdade que constitui o homem. Diante disso, é necessário perceber que as realidades externas – sociais e culturais – podem apresentar possibilidades em relação àquilo que o homem escolhe, mas isso não é o cume de sua decisão, uma vez que se apresenta apenas como opção e isso é uma constitutiva humana: a alternativa em escolher. Desse modo, o desafio humano não está em produzir um futuro, mas em decidir – ou discernir – entre aquilo que quer e aquilo que suas possibilidades apontam, sendo, portanto, um entre outros na sociedade – espaço comum – e isso o torna passivo às mudanças desse local, tornando-o objeto em construção contínua.

Ao passo que o homem compreende que sua realidade é transformada mediante seu posicionamento, o seu espaço coletivo – a sociedade, ele adquire normas que se tornam comuns e aceitas intuitivamente – isso denominamos de “moral”. Desse modo, à medida que o homem busca constituir-se “se constrói escolhendo a sua moral” (SARTRE, 1970, p. 15). Nessa perspectiva, a liberdade do homem não é justificada pelas opções transformadoras que estão a sua volta, mas pela escolha entre as possibilidades existentes. Nas palavras de Sartre (1970, p. 11), “a realidade não existe a não ser na ação”. Em função disso, a filosofia existencialista sartreana concebe a liberdade como ação, isto é, como movimento causador e transformador da existência humana e que não se trata de uma abstração, mas daquilo que o homem testifica em sinal daquilo pelo que opta.

Nesse sentido, “o homem nada mais é do que o seu projeto” (SARTRE, 1970, p. 11), no sentido de que as questões que ocorrem no campo social – que podemos entender, nesse caso, como processos e mudanças sociais – estão para o homem e têm por finalidade o desenvolvimento do homem mediante suas escolhas. Destarte, existe a possibilidade de escolha porque existem mudanças dentro do espaço comum permitindo ao homem a concretização de seus atos – o que, para Sartre, é a constituição da liberdade. À vista disso, o homem “não é nada além do conjunto de seus atos” (SARTRE, 1970, p. 11).

A instabilidade é uma das marcas que o existencialismo sartreano “emprega” na definição de existência do homem, pois, como a liberdade é uma ação e não uma abstração, a escolha é um determinante, não um caso à parte no processo de construção humana: “o homem faz-se, ele não está pronto de início” (SARTRE, 1970, p. 15). Essa afirmação desconstrói a ideia de uma impossibilidade de transformação humana, ou seja, o homem possui capacidades que nem um outro animal possui – razão – e por isso pode transformar-se. Assim, o ganho humano está na tentativa de fazer do seu existir um itinerário que é formado por um contínuo *para ir* em direção a algo; por seus pareceres, estipula onde quer chegar, já que é formado por atos sinalizados pela liberdade. Dessa maneira, as



relações interpessoais presentes na existência humana é efeito de sua capacidade seletiva – escolher – e, por isso, o homem, não deve tomar o papel de vítima diante das circunstâncias criadas tanto pelo movimento comum do espaço no qual está inserido como pelas escolhas feitas por ele.

A ótica sartreana vê o homem como aquele que está fora de si ou aquele que lança sua existência. Isso quer dizer que a *busca* por sua *essência* é, na verdade, o movimento primordial de sua existência e que existe por estar sempre em busca: a deslocação, de dentro para fora, faz com que o homem transcenda sua própria existência lançando-se no seu próprio existir. Assim, o homem é o seu próprio “ir” e ele mesmo determina o seu “para”, sua pulsão⁵ existencial transcende quando é impelido, pelo existir, a agir; por isso ele constrói-se.

Ademais, Sartre afirma que a vida por si só não é acompanhada de sentido, mas “é quem a vive que deve dar-lhe um sentido” (SARTRE, 1970, p. 17). Essa declaração está relacionada com a capacidade de que o homem tem de (re)significar seu existir. A princípio, o homem não é nada, mas é ele mesmo que, existindo, busca dar sentido à sua existência e, dessa forma, paulatinamente, tornar-se quem ele quer ser.

3 Construir-se: um olhar sartreano sobre a crônica *Ir para*, de Clarice Lispector

Eu me permito mais liberdade e mais experiências. E aceito o acaso. Anseio pelo
que ainda não experimentei (LISPECTOR, 1999, p. 55).

A literatura pode ser compreendida como uma das possibilidades de contemplar a existência humana ou ainda como uma alternativa de compreender os conflitos humano: dor, angustia, guerra, amor; e até mesmo construir cenários que ser-lhe-iam impossíveis, dada a noção de real(idade). Como diz Lispector (1998a, p. 22), “não quero a terrível limita de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada”. E é partindo dessa expectativa que a crônica *Ir para*, da escritora brasileira Clarice Lispector (2018), é analisada numa perspectiva da filosofia de Jean-Paul Sartre (1970), compreendendo que a filosofia às vezes trata de temas muito obscuro à razão humana e que, para lançar luzes, faz-se necessária a literatura (RAVOUX-RALLO, 2005).

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920 “numa aldeia chamada Tchetchelnik” (MOSER, 2017, p. 19), chegou ao Brasil com apenas dois meses de idade e precisou construir-se enquanto brasileira – “sou brasileira naturalizada” (LISPECTOR, 2018, p. 343⁶). A bruxa da literatura brasileira é considerada um dos maiores nomes da literatura nacional, pois ela “era o que Kafka teria sido se

⁵ Usamos o termo “pulsão” consciente da importância que o mesmo tem para outras teorias como a psicanalítica, sendo compreendido como aquilo que inscreve algo no ser humano e que está para além do biológico. Mas, como não é o foco principal deste texto, deixamos essa discussão para um outro momento.

⁶ Fragmento da crônica *Explicação de uma vez por todas*.



fosse mulher, ou se Rilke fosse uma judia brasileira nascida na Ucrânia” (CIXOUS *apud* MOSER, 2017, p. 14). A escrita de Clarice Lispector destaca-se por apresentar uma linguagem introspectiva - característica marcante de sua personalidade. Escritora de romances, contos e crônicas, ela adquiriu a atenção de muitos leitores de sua época por, em seus escritos e personalidade, transcender as realidades cotidianas, característica que exprime a forma como se entendia: “ela própria escreveu uma vez: ‘Sou tão misteriosa que não me entendo’” (MOSER, 2017, p. 16). Em entrevista, a escritora e ensaísta Vilma Arêas (*apud* SILVA, 2021), produtora da obra *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*, publicado em 2005, afirmou que “vítima de um câncer diagnosticado em estágio avançadíssimo e intratável, a escritora viveu envolta em uma espécie de mistério particular: uma névoa que cultivava com uma obra impecável e vasta” ARÊAS *apud* SILVA, 2021, s.p.).

Clarice Lispector é representante de uma escrita enigmática, subjetiva e introspectiva, pois considera o homem a partir de si mesmo e que esse, por isso, torna-se um ser *para alguma coisa*. Essa questão é perceptível em seus escritos que apresentam discussões que são inerentes ao homem como angústia – *A paixão segundo G.H* (2009), amor e desprezo – *A hora da estrela* (1998c), solidão – *A cidade sitiada* (1998d). Dessa maneira, as discussões propostas pela filosofia existencialista sartreana auxiliam no processo crítico-literário da crônica da autora intitulada *Ir para* (LISPECTOR, 2018), uma vez que a filosofia pode servir de fundamento para a crítica literária (RAVOUX-RALLO, 2005).

Inicialmente, a voz narradora menciona um animal – um gato, enfatizando um ente comum ao conhecimento e de fácil acesso. Mas esse é um detalhe que, nesta averiguação, é de extrema importância, uma vez que ratifica a experiência que a voz narradora apresentará como se tratando de um transcender “anfêmero”, isto é, que está a acontecer na existência particular (ou subjetiva) de qualquer indivíduo. Trata-se da experiência do *ordinário*, componente primordial na experiência lispectoriana. Essa questão também é destacada na filosofia sartreana: a existência é uma construção ordinária na qual as *escolhas* realizadas não estão pautadas em transcendências, mas no corriqueiro, naquilo que está acontecendo. Em outras palavras, o homem se faz (SARTRE, 1970) dentro do contexto em que se encontra, e aquilo pelo qual opta e prioriza é sinal daquilo que no que está se tornando.

Diante de inúmeros animais, a escolha em evocar, na narrativa, um gato corresponde às características típicas desse felino: um animal pequeno, peludo, dócil e de pouca selvageria. Por ser a crônica um texto curto e, de certa forma, veloz, a narrativa não desenha os fatos que antecederam o miado do gato, por isso não fica evidente um início, um meio ou um fim. Essa falta de tempo na



narrativa faz com que ela seja construída como um acontecimento natural, real e comovente – ou simplesmente como uma existência. Nesse sentido, o animal não é somente um gato, mas símbolo de uma experiência real daquilo que existe e que reage às sensações que sente, por isso “chora” (LISPECTOR, 2018, p. 22).

A filosofia sartreana defende que “o homem é livre porque ninguém o concebeu (nenhuma essência o precede) nem o criou” (SILVA, 2009, p. 108), por isso o homem tem diante de si o desafio de aceitar sua condição de ser livre. Essa condição-desafio é expressa na narrativa lispectoriana no “choro” do felino, como que uma manifestação de insatisfação com aquilo que se é: um ser limitado e responsável por sua própria existência. De modo semelhante podemos pensar na literatura de Jean-Paul Sartre, na qual encontramos um personagem de nome Roquetin, presente em seu escrito intitulado de *A Náusea* (SARTRE, 2003), que chega à conclusão que todo sentimento de insatisfação existencial se dava ao fato de perceber que é inacabado, sua maneira de ser é responsabilidade de seu modo de escolher (SARTRE, 2003).

Compreendendo que liberdade é “o processo existencial de constituição da subjetividade (de nós mesmos)” (SILVA, 2009, p. 108) também podemos pensar o choro do gato, ação que caracterizamos como “a dor da existência”, como o “insight” de que fora “lançado no mundo, [e que é] é responsável por tudo o que faz” (SARTRE, 1970, p. 7) e de que sua existência só depende dele mesmo. O choro também reflete o sentimento de “solidão”, entendida como uma percepção existencial com a qual o gato se depara. Agora só tem a si mesmo e por isso está “sem apoio e sem ajuda” (SARTRE, 1970, p. 7), está a se “inventar”. A maneira como lida com as consequências de sua existência, como a dor, por exemplo, é uma voluntariedade própria, ou seja, não há uma ação transcendente – Deus ou algo do tipo – que o coordene e que sugira outra opção.

Segundo a narrativa lispectoriana, o “choro” do gato “parecia dor, e, em nossos termos humanos e animais, era” (LISPECTOR, 2018, p. 22): a existência do ser – e da própria narrativa – nasce com/na dor. A dor pode ser entendida como a possibilidade do impossível, isto é, ditos/seres que não são/estão prontos, nem são guiados, muito menos predestinados a acontecer, mas que podem *vir a ser*. É na dor de decidir que o ser deve contar com uma única e possível alternativa: *escolher*. Essa opção é um movimento que, em Sartre (1970), pode ser tido como ação em conformidade à escolha, compreendendo que a “ação” é vital naquilo que estamos tomando como *liberdade*, pois dispensa qualquer tipo de manifestação considerada fruto do acaso, ou até mesmo de uma divindade superior: o gato é o único que deve “projetar-se” (SARTRE, 1970, p. 4) para se tornar o que deseja ser.



O gato está na narrativa como símbolo de desespero e de dor, visto que as reações do felino, apresentadas pela voz narradora-personagem⁷, aparentam um possível desespero. Trata-se de ter o gato como um ser que se encontrou com a *liberdade* e, como se trata de um evento ordinário – comum na existência humana, a voz narradora-personagem toma essa realidade como um motivo de (auto)reflexão, compreendendo que o gato sofre por alguma coisa.

Essas duas reações de dor e sofrimento são a maneira que o gato, assim como o homem, expressa sua forma de perceber o mundo. “Ora, observa Sartre, somos nós que atribuímos um peso, aos motivos, e o atribuímos com base naquilo que escolhemos, que projetamos ser” (ROVIGHI, 2004, p. 411), e esse peso é nomeado como a própria existência. Em uma outra parte de sua obra, o pensador contemporâneo destaca a ausência de Deus como o elemento que poderia ser o mediador das dores da existência (SARTRE, 1970), o que gera a responsabilidade de “angustiar” o ser existente, fazendo dele sensível e propenso a perder-se em si mesmo.

A perda do homem em si mesmo é resultado, em suma, do “homem que escolhe acreditar ou simplesmente suspeitar de que é um covarde [...]” (COX, 2010, p. 94). Esse efeito pode ser propício para ir em busca de um espaço onde se sinta menos ameaçado ou para uma conformidade na solidão ou na angústia. Assim, cabe ao homem perceber que “as decisões e as resoluções passadas sempre podem ser revogadas” (COX, 2010, p. 96), princípio necessário quando se concebe o homem em sua inteireza de liberdade. Por isso, sua crença deve ser a de resistir às angústias trazidas pela liberdade e à abertura das fases de angústia e solidão que permeiam qualquer existência.

Nesse sentido, a narradora-personagem é a responsável por relatar o sentimento do gato, dando-nos a possibilidade de pensar que o gato existe à medida que é narrado. Esse construir-se do ser no ato de narrar converge com o pressuposto sartreano de que “a existência precede a essência” (SARTRE, 1970, p. 4), ou seja, o gato não existia, para o leitor, antes de ser narrado. Isso é perceptível no desencadeamento dos acontecimentos – dor, choro, noite, sensações – que dão “sentido” ou constitutividade à existência do gato. Portanto, o gato existe à medida que “se-acontece” ou “se constrói” – à medida que *vai para*. Dessa forma, podemos destacar as reações existenciais do gato como um “partir para construir-se”.

A partir da narrativa, podemos pensar que os acontecimentos narrados se desenrolaram num tempo definido: “Esta noite...” (LISPECTOR, 2018, p. 22). Contudo, o espaço não é bem delimitado,

⁷ O *narrador-personagem* aquele que desenvolve a crônica, que narra e também participa da narrativa, fazendo com que o leitor esteja ciente de todos os relatos. Na narrativa em questão, a participação do narrador é ativa, pois ele opina em relação ao desenrolar narrativo do gato. Assim, a criação do cenário ficcional é construído a partir das dicas do que chamamos de *narrador-personagem*.



pois a narrativa pode se passar em um telhado, quintal, muro, jardim ou qualquer outro ambiente que permita (ou não?) a presença de animais. Essa questão espaço-temporal nos permite perceber o pressuposto existencialista de que é no transcurso, nas incertezas que o ser se realiza, bem como suas motivações – que nominamos de “reações existenciais”, pois a existência é estimulada por algo do meio. As manobras do felino são dirigidas pela capacidade de lidar com as “primeiras dores”, que são a compreensão de que, em termos sartreanos, ele é o único responsável por si.

As dores do felino, ao menos as que são expressas na narrativa, podem ter sentido se observarmos o ato seguinte, o de ‘ir para’ ou apenas o “ir” (LISPECTOR, 2018, p. 22), uma vez que esse “ir” na crônica é uma sinalização de alguém, nesse caso o gato, que partiu. Esse “partir” tem importância no texto à medida que entendemos que “é o ato que decide seus fins e móveis, e o ato é expressão da liberdade” (SARTRE, 1997, p. 541), e, certamente, foi a atitude daquele animal. A liberdade é sinal de quem está em busca de alguma coisa, é um constante “ir para”, pois o objeto que o homem busca não possui um ponto exato localizado em um tempo de sua existência, mas é um tipo de “buscando”, ou, em termos lispectorianos, é um “ir para”.

Chamaremos essa capacidade consciente de realizar atos, como já foi dito anteriormente, de *liberdade* – conceito caro e bem desenvolvido na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre. A liberdade é entendida como parte imprescindível da existência do homem, no sentido de que esse é responsável por administrar sua própria existência. Nesse sentido, as reações existenciais do gato lispectoriano se caracterizam como um ato de liberdade, pois o ser é o conjunto de suas ações (SARTE, 1970, 1997). Do mesmo modo, o gato “escolhe” reagir diante daquilo que “sentia”, expressando em atos a dor e a apreensão em existir.

A narrativa continua apresentando uma questão posta pelo narrador-personagem, que questiona o futuro do animal da seguinte forma: “Mas seria dor, ou era ‘ir’, ‘ir para’” (LISPECTOR, 2012, p. 22). É perceptível que a indagação é composta e acompanhada ainda pelo enigma da dor – sentimento entendido como reação existencial –, representando, desse modo, que há no animal uma marca daquilo que existe: a opção de escolher – e porque ele escolhe, a princípio, sente dor. E essa dor se torna o marco daquele que agora decidiu existir, pois a partir dela busca se formar, dado que seu destino é *ir* em direção ao que “ele projetou ser” (SARTRE, 1970, p. 4).

A dor enquanto fator existencial – e não corporal – é manifestada, ao menos presente nessa narrativa lispectoriana, como sensação de perda e esse sentir consiste em compreender o que se é percebido. Um sinal desse “perceber” está associado à ideia de que “a realidade humana é liberdade” (SILVA, 2009, p. 108), e, por isso, o desafio humano é saber lidar com essa dimensão, isto é,



compreender que sua crença é sua própria realidade e que as divindades apresentadas ao homem ao longo de sua existência compõem somente uma parte de seu viver, que podemos nomear de experiência com um transcendente particular. O homem é, nessa perspectiva, senhor em sua realidade e prisioneiro em sua responsabilidade. Assume o compromisso – mesmo sem querer, pois não escolhe existir, mas escolhe continuar existindo – de preservar a sua existência. Para tal feito é capaz de criar laços fraternos como também os destruir.

Em Sartre, a existência do homem “não se assemelha à da planta, cujo futuro já está “escrito” na semente; o homem é o demiurgo de seu futuro.” (REALI; ANTISERI, 2005, p. 229). O gato pode ter reconhecido essa verdade e nele ressoa sua insatisfação diante da tentativa de aceitar essa novidade. O ponto da liberdade do felino (e do homem) é a possibilidade de, apesar da narrativa não oferecer uma continuação, escolher, pois podemos tomar a afirmação do narrador-personagem – “ir para” (LISPECTOR, 2018, p. 22) – para pensar que, assim como o homem, o felino escolheu escolher – característica fundamental no homem em Sartre, pois o filósofo “identifica o homem com sua liberdade; o homem não está de modo algum sujeito ao determinismo” (REALI; ANTISERI, 2005, p. 229).

A crônica apresenta uma questão pertinente ao abordar a consciência da “responsabilidade total de sua existência” (SARTRE, 1970, p. 5) em relação às outras existências: as “mais profundas compaixões pelo que é vivo” (LISPECTOR, 2018, p. 22) é inerente ao que o personagem escolheu para si. Recordemos que, na filosofia proposta por Sartre, o homem é reconhecido pelo que ele faz de si mesmo e essa opção também se reflete na existência do outro, pois “nada pode ser bom para nós sem o ser para todos” (SARTRE, 1970, p. 5). Assim, a forma como a voz narradora responde às questões à sua volta é que marca aquilo que ela escolheu: a realidade que a permeia não é um cenário transcendental e isso é um convite para pensar o homem não por aquilo que uma divindade projeta para ele, mas a partir de como lida com as circunstâncias atenuantes à sua existência “como angústia, desamparo, desespero” (SARTRE, 1970, p. 5) – “raízes” que estão unidas à estrutura existencial do homem, à vida.

Não acontece na narrativa um encontro, pelo menos fisicamente, entre o gato e a voz narradora, mas acontece um encontro de realidades, isto é, a existência do gato interfere no existir da voz narradora, possibilitando, assim, diversas maneiras de se pensar a existência: por um lado o felino que expressa sua “angústia existencial”: “Parecia dor, e, em nossos termos humanos e animais, era” (LISPECTOR, 2018, p. 22); enquanto que a voz que narra reflete “a própria condição de sua existência” (SARTRE, 1970, p. 13) a partir da dor do felino. Ou, como afirma o filósofo, o outro é



parte fundamental da existência individual, pois o homem “se dá conta de que só pode ser alguma coisa [...] se os outros o reconhecerem como tal” (SARTRE, 1970, p. 13). Esse reconhecimento está presente na narrativa, uma vez que a lamentação é vinda do felino, sendo a voz narradora receptora desse acontecimento, influenciando também sua existência.

4 Conclusão

A voz narradora-personagem é a responsável pelo desenrolar da narrativa, assumindo o papel de intensificadora dos fatos, sendo também a responsável por especular as possíveis sensibilidades do animal. O gato, por outro lado, é um ser pensado a partir do primeiro personagem, que aparece como um sujeito reflexionado com base na postura da voz narradora-personagem.

Dessa forma, a existência dos dois personagens está em uma linha tênue, entre aquilo que é e o que se faz ser, isto é, a voz narradora-personagem, ao tentar analisar o gato, faz um exercício existencial de procurar “uma meta fora de si” (SARTRE, 1970, p. 18). O homem é capaz de levantar hipóteses acerca do felino baseando-se naquilo que é: um ser em construção. O homem sabe que não é completo e acabado, pois, assim como declara Sartre (1970), o homem é o único que pode dar sentido à sua própria existência. O gato é personificação daquilo que é construir-se, ou, em outros termos, é “voltando-se para si mesmo” (SARTRE, 1970, p. 18) que o felino se encontra com aquilo que de início é: nada. Levando em consideração algumas prováveis motivações por parte do animal, como o ato de chamar a atenção através do miado, pode-se concluir que suas motivações estão unidas à subsistência da voz narradora-personagem. A narração parte da ideia de alguém que relata a experiência da escuta e que, em seguida, inicia uma reflexão acerca daquele animal. O gato, portanto, é parte da existência da voz narradora. Nesse sentido, o felino é, em sua totalidade, uma projeção reflexiva, ou seja, é aquele que “atua” – embora não esteja se relacionando fisicamente – com a voz que narrador a crônica; ele é participante na existência desse de quem narra.

Referências

COX, Gary. *Compreender Sartre*. Tradução Hélio Magri Filho. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOTLIB, Nadia. Um fio de voz: histórias de Clarice. In: LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Ed. Crítica. Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des caribes et africaine du XX^{ème} siècle. Brasília: CNPq, 1988.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.



____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

____. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998d.

____. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

____. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

____. *Todas as crônicas*. Organização Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto, ou aquilo*. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/1725/ou-isto-ou-aquilo>. Acesso em 17 de setembro de 2021.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Sartre. In: PECORARO, Rossano (org.). *Os filósofos: clássicos da filosofia*. Vol. III: de Ortega y Gasset a Vattimo. Petrópolis: Vozes, PUC-Rio, 2009.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RAVOUX-RALLO, Élisabeth. Caminhos novamente percorridos e novos caminhos. In: _____. *Métodos de crítica literária*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Leitura e Crítica).

REALI, Geovane; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. Vol. 6: De Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2005.

ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia contemporânea: do século XIX à neoescolástica*. Tradução de Ana Pareschi Capovilla. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

____. *A Náusea*. Tradução Antônio Coimbra Martins. Portugal: Editora Europa-América, 2003.

____. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 1970. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf. Acesso em: 17 de setembro de 2021.

SILVA, Jonatan. *As muitas Clarices: uma conversa com a escritora e ensaísta carioca Vilma Arêas, autora do livro Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos*. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/Muitas-Clarices>. Acesso em: 17 de setembro de 2021.

Recebido: 30/08/2021

Aceito: 24/10/2021